Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 403

1 DE MARÇO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

Lisboa L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje começo a minha chronica por lhes contar uma historia, uma historia da moda, uma historia que está em voga e que amanhã andará em todas as boccas.

Ella ahi vae.

Madame Agatha Noirel, uma viuva nova ainda, bella, elegante — viuva de um fabricante de papeis pintados — casou sua filha unica Suzana, com um grave tabellião sr. Thevanot dando-lhe um bello dote, e compromettendo-se para comsigo mesma a não tornar a casa, para não diminuir os haveres de sua filha.

Os noivos vão partir para Italia em viagem de lua de mel.

Emquanto noivo e noiva andam cada um por seu lado atarefados com os preparativos de viagem, um velho caixeiro da casa Noirel, o sr. Baudinois e que em tempo pedira a mão de Agatha, mas que chegara muito tarde com o seu pedido — um quarto d'hora depois d'ella ter sido dada ao seu patrão — encontra-se com a viuva sua ex-futura noiva e diz-lhe chãmente e respeitosamente:

—A sr.ª está livre e só. Eu não sou seductor mas amo-a deveras: não sou rico, mas hei de herdar um tio millionario. Uma só palavra e caio a seus pés.

Agatha fica commovida mas não fica convencida e não diz a tal palavra.

Seria e honesta madame Noirel trabalhara 20 annos como guarda livros de seu marido e educadora de sua filha. A mocidade passou por ella sem lhe dar a conhecer os seus encantos. Vinte annos agarrada ao livro da caixa e ao livro da razão, Agatha não sabia o que eram os prazeres das festas, do luxo, das viagens. Nem sequer ainda tinha visto o mar.

Morto seu marido, casada sua filha, Agatha quer desforrar-se do tempo perdido, quer conhecer os deleites da vida elegante, quer gozar, e para isso precisa ser senhora das suas acções, não ter quem a governe — e diz que não ao pobre Baudinois, que tem a fatalidade de nunca chegar a tempo; quando Agatha era solteira chegou muito tarde; agora que ella é viuva chegou cedo de mais.

Por seu lado Thevenot, o marido de Suzana, se é muito grave como tabellião, fóra do cartorio tem sido um verdadeiro demonio; e as suas maneiras, e o feitio dos seus amigos tem feito nascer certas apprehensões no espirito de Suzana, que é muito boa rapariga, mas pacata, séria, muito mais o retrato de seu pae, o sisudo fabricante de papeis pintados, do que de sua mãe a alegre e jovial Agatha.

Os noivos partem para Italia e a sogra, a madame Noirel, parte para Trouville, afim de finalmente fazer conhecimento com o mar.

Durante cinco semanas Thevenot e sua mulher passeiam por todos os museus de Italia a sua enorme felicidade, deixando a sua casa e os seus negocios de Paris a cargo de Agatha.

Francamente podiam ter ficado mais bem entregues. Agatha ao achar-se sósinha, senhora das suas acções pela primeira vez na sua vida, perde positivamente a cabeça. Manda mobilar de novo a casa de seu genro, mas mobilal-a á moderna, com toda a elegancia d'uma artista — transforma o seu cartorio austero em um boudoir de *cocotte*.

Quando regressam, Thevenot e Suzana ficam estupefactos com essa transformação e Thevenot sabe com espanto que sua sogra se tem enchido de dividas e que tem que pagar por ella a bagatella de 40 mil francos.

E não é só isso que elle sabe ha ainda mais coisas e coisas mais graves.

A estada de sua sogra em Trouville foi uma desgraça. Não só gastou dinheiro a rodo, como tambem levianamente, com os seus modos desabusados e alegres de quem, mal não usando, mal não julga, se comprometteu com um pedante D. Juanesco, um tal visconde de Bardac; Thevenot é um homem serio, digno, e não tolera que belisquem na honra immaculada de sua sogra.

Vae ter com esse tal visconde e exige que case com ella

GOMES FREIRE DE ANDRADE

(Segundo uma gravura de Domingos Antonio Sequeira)

O visconde não está pelos ajustes. Primeiro, porque não ha nada de que dar reparação: segundo porque já é casado.

O tabellião provoca-o, o visconde acceita o duello e vão bater-se á Belgica.

Thevenot inventa umas mentiras a sua mulher para explicar a sua ausencia. Susanna ao principio illude-se com essas mentiras, mas a demora de seu marido inquieta-a e por fim vem a descobrir, ella e sua mãe, que Thevenot se foi bater em duello.

Duello porque?

Agatha, a sogra, que até ali tão pouco o tem sido, toma então o seu papel, e é a primeira a imaginar e a fazer imaginar a sua filha que se trata d'um duello por causa d'uma mulher, que ella sabe ter sido em tempo amante de seu genro.

Ao saber isto, Suzanna, cheia d'indignação, não quer saber de mais nada, não espera pela volta de seu marido nem pelas explicações que por ventura elle possa dar, e corre acompanhada por sua mãe — agora sogra a valer — a casa d'um advogado, a tratar das bases do processo para o divorcio.

Thevenot, entretanto, volta triumphante do duello em que feriu gravemente o visconde.

O primeiro papel que recebe ao chegar a casa é a citação de sua mulher para divorcio allegando que elle a traíra logo depois d'um mez de casados.

Thevenot, espantado e profundamente maguado, começa a responder a essa citação aconselhado pelos padrinhos do seu duello, um dos quaes é advogado.

Thevenot não se pode conformar com o estylo judicial que o obriga a chamar calumniosas ás allegações feitas por sua mulher.

— Então ponha, falsas, dize-lhe o advogado.

— Falsas tambem não. Espere ahi, deixe-me cá.

E escreve:

«Não podendo acreditar senão n'um deploravel equivoco da parte da minha querida Suzanna, que eu adoro, e que eu adorarei sempre, de quem é a minha vida toda inteira...

E o pobre Thevenot não póde escrever mais: as lagrimas caem-lhe torrencialmente sobre o papel sellado.

Entre marido e mulher ha uma entrevista suprema.

Thevenot apesar de estar em jogo o seu futuro e a sua felicidade. não diz a verdade, não quer obrigar sua sogra a corar deante da filha.

Começa a architectar mentiras sobre mentiras que ainda mais aggravam a sua situação.

Agatha é a primeira a reconhecer essas mentiras, a fazel-as ver a sua filha, a atear mais a indignação de Susanna contra Thevenot.

No meio d'isso, porem, vem a saber a verdade: seu genro bateu-se por sua causa.

Cheia de gratidão, de espanto e de arrependimento, pede perdão a seu genro.

Thevenot perdoa-lhe, mas com uma condição: a d'ella tomar um marido que a governe.

Esse marido está naturalmente indicado; é o fiel Boudinois que por fim vê coroada a sua chamma e realisado o seu ideal de tantos annos.

E os dois casaes ficam muito felizes e venturosos, e naturalmente téem muitos filhos, como é costume nos bons e honestos romances com quo esta historia se parece muito.

Escuso, certamente, de lhes dizer que historia vem a ser esta, não é assim?

E se por acaso hoje não posso ainda escusar-me de dizer isso, a culpa não é da historia, mas sim do pobre Cesar de Lima, que, logo depois d'um grande triumpho, foi levado para casa por uma bronchite furiosa que ainda o não deixou.

Esta historia honesta e interessante é o enredo d'uma comedia — o que parece de todo o ponto inverosimil n'este tempo em que os enredos das comedias se não podem contar em jornaes que entram em todas as casas e correm todas as mãos.

Pois é verdade, é o enredo d'uma comedia, que teve grande successo em Paris, e que o está tendo agora em Lisboa — *Belle Maman* de Victorien Sardou e Raymond Deslandes.

A *Belle Maman* que o nosso prezado amigo e distincto escriptor, o sr. Maximiliano de Azevedo traduziu para portuguez com o titulo *A mãe de minha mulher*, um titulo fino e delicadamente achado, representou-se ainda não ha oito noites no theatro de D. Maria com um exito brilhantissimo.

A peça, interessantissima, como pódem ver pelo enredo que extractamos acima, tem além de todo o encanto do espirito e do *savoir faire* de Sardou, o grande merecimento e a grande novidade de ser uma peça perfeitamente honesta — uma *avis rara* no moderno reportorio theatral da França.

A *Belle Maman* agrada immenso no theatro de D. Maria, onde tem um desempenho muito notavel, segundo dizem, que eu ainda não vi a peça, porque não podendo lá ir nas primeiras noites, depois, quando tencionava lá ir, foram suspensas as representações por doença do actor Cesar de Lima, que já foi substituido temporariamente no seu papel pelo actor Augusto Antunes.

Não quero, porem, deixar de fallar n'esta chronica d'essa peça, que está tendo tão grande successo, em que toda a gente já falla, e que tem para o theatro e para a litteratura um typo novo de sogra, uma variante d'essa sogra terrivel de vaudeville que tem nas *Surprezas do divorcio* a sua ultima palavra.

Não assisti á 1.ª representação da *Belle Maman* mas assisti á primeira representação da *Estrella do Norte* pela Van Zandt e francamente desejava muito mais não ter assistido a ella.

Admirador fervoroso do notabilissimo talento da grande cantora americana, o fiasco enorme d'essa noite compungiu-me profundamente.

A sr.ª Van Zandt, que nunca cantára esta opera, e que não a estudou nem a ensaiou, não sábia uma palavra do seu papel, e teve na *Estrella do Norte*, que bem estudada lhe devia ser mais uma coròa de gloria, um desastre tremendo.

Mas se a sr.ª Van Zandt não tinha essa opera no seu reportorio para que a cantou?

Para que veiu prejudicar-se a si com um fiasco vergonhoso, e prejudicar o publico obrigando a pagar por preço exhorbitante um espectaculo reles e lastimoso?

Francamente não se comprehende isto: não se comprehende que nenhuma artista, e uma artista com o nome illustre que tem a sr.ª Van Zandt muito menos ainda, se atreva á apresentar-se n'um theatro a cantar uma opera, que não sabe, não se comprehende que uma empreza, em qualquer recita, e muito menos ainda n'uma recita extraordinaria, por preços exhorbitantes, se atreva a apresentar ao publico uma opera vergonhosamente ensaiada e executada como foi aquella *Estrella do Norte*.

O publico foi d'uma delicadeza e d'uma paciencia extrema para com esse espectaculo desgraçadissimo; paciencia que é para admirar, quando com muito menos rasão, ás vezes esse publico é de severissimos exaggeros com artistas modestas e sem pretenções, e o silencio em que o publico de S. Carlos ouviu a Van Zandt na *Estrella do Norte*, só se pode explicar pela muita e justa sympathia e admiração, que esse publico tem pelo extraordinerio talento d'essa gloriosa artista, tão brilhantemente afirmado n'outras operas.

Póde dizer-se affoitamente que foi a Lakmé, que foi a Mignon, que salvaram a Catharina da Russia, das ruidosas manifestações de desagrado que são tradiccionaes em S. Carlos.

Ainda bem que assim foi e oxalá que o publico do theatro lyrico adoptasse sempre como manifestação do seu desagrado o silencio, como n'essa noite adoptou.

Gervasio Lobato.

ESTUDOS HISTORICOS

I

N'este momento em que a Inglaterra, esse cobardissimo paiz que vive da rapina ha mais de tres seculos, rasga as paginas da sua historia n'um espaço superior a 200 annos, para negar a collaboração e auxilio de Portugal nos fastos da historia militar da Grã-Bretanha — pareceu-nos opportuno publicar um estudo sobre os vultos nacionaes que a nação traidora dos piratas fez desapparecer da tella politica não recuando deante do assassinio ou da tortura.

Começaremos pelo grande Gomes Freire de Andrade, como um dos mais amados martyres da tyrania dos brutaes inglezes.

O GENERAL GOMES FREIRE

(CAMPANHAS NA RUSSIA E HESPANHA)

A vida d'este singular vulto da nossa historia, tem de ser encarada separadamente, quer no exercito quer na politica, em tres phases perfeitamente distinctas: — os seus serviços militares feitos á imperatriz Catharina II da Russia, — as campanhas que fez em Hespanha e Portugal, — e o serviço feito sob as ordens de Napoleão I.

Na politica tambem o general deve ser encarado por tres faces: — *o intransigente*, — *o suspeito*, — *e o martyr*.

I

O intransigente

Gomes Freire nasceu em Vienna d'Austria, filho do nosso embaixador n'aquelle imperio, teve a educação que por então se costumava dar aos filhos da nobreza.

Aos vinte annos era tenente da Armada Real. Veio a Lisboa e obteve licença para servir nos exercitos da imperatriz da Russia na sua guerra contra os turcos.

Gomes Freire, com a elegante figura realçada pelos brilhantes uniformes d'aquelle seculo, e o seu espirito decidido conquistou a côrte de S. Petersburgo dirigida por uma mulher superior, mas de uma belleza provocante, Catharina II.

Durante a campanha contra os turcos, de 1788 a 1789, commandada pelo principe russo Potémkin, Gomes Freire distingue-se nos plainos do Danubio, na Criméa, e muito notavelmente nos cercos de Otchakov e Ismail.

Nomeado aos 26 annos coronel de cavallaria imperial, era d'esses bravos irrequietos que no arranque do attaque tudo levam de roldão na sua frente. Poucos annos depois, em 19 de novembro de 1790, era-lhe confirmado este posto no exercito portuguez.

Dentro em pouco a sua bravura ficou perpetuada pela condecoração de S. Jorge, uma das mais estimadas da Russia.

Foi tal a sensação causada na côrte de S. Petersburgo pelo arrojo e vivacidade de Gomes Freire que a propria imperatriz, não sei se enthusiasmada pelos feitos do soldado, se louca de admiração pelo homem, lhe offereceu em audiencia solemne, por suas proprias mãos, uma espada d'honra.

Dizem alguns novellistas que com a espada fôra tambem entregue ao moço coronel a honra da sensual imperante. Parece isto confirmado pelo facto de algumas desintelligencias havidas entre Gomes Freire e o principe de Potémkin, favorito de Catharina II.

É certo, porém, que pouco depois chegava a Lisboa Gomes Freire de Andrade.

Aqui termina a primeira parte da vida militar do nosso brilhante compatriota.

Imagine-se a decepção, o violento choque que soffreria a alma do moço coronel, o heroe de Ismail e Otchakov, adulado por uma imperatriz formosa e poderosissima, invejado por um principe que tinha sob a mão o governo do maior imperio da Europa, Gomes Freire, que vivêra na côrte brilhante e cavalheiresca de Maria Thereza d'Austria e atravessara ovante pelos estonteadóres galanteios da de Maria Antonieta de França, ter de vir habitar em Portugal, sob o consulado sachrista da senhora D. Maria I, e sob a mania das denuncias e sustos do bom Diogo Ignacio de Pina Manique, das facecias bossaes da fradaria, das brutalidades dos sargentos-móres!

E n'este enorme deserto, para o seu espirito de requintado gosto artistico, finissimo, apenas encontrava o *oasis* das *soirées* do duque de Lafões com o abbade Corrêa da Serra e o sabio Broussonet!...

E vendo, porque tinha uma superior intelligencia de verdadeiro homem de estado, a marcha rachitica da politica portugueza, tantas vezes traca, humilhante, cobarde, tantas vezes hypocrita, negociadora mediocre, sempre sem illustração, sem norte, sem dignidade, sem amor ao paiz... que de incertezas, de revoltas, de desgostos e decepções se não povoaria o espirito de Gomes Freire ao ver o abarrotar de interesseira baixeza nos diversos poderes que então dominavam o reino.

Em Gomes Freire estava o germen da revolução, adquirira-o na Russia sob o imperio da protectora do grande Diderot, avivara-o na França com d'Alembert e Grimm! e se o alimentassem tinha mais um homem a Revolução...

Foi o que aconteceu.

*
* *

Torturado Portugal pelas intimações da Hespanha e pelas admoestações da Inglaterra, e não tendo com o pretexto cavalheiroso de vingar a morte de Luiz XVI de França, acceitado as credencias de mr. Darbaud, representante do governo da Republica Franceza que teve de sair immediatamente do reino, ficou por este facto declarada a guerra á França por parte de Portugal.

Iamos entrar n'uma campanha muito seria com

uma nação poderosa, em toda a exuberancia de patriotismo; e a Hespanha no seu tratado comnosco praticava a seguinte indignidade. A 15 de julho de 1793 fôra assignado o tratado em Aranjuez e do artigo do texto hespanhol, em que se dizia que as *tropas portuguezas obrariam em Hespanha inteiramente á disposição de sua magestade catholica*, deveria corresponder o seguinte:

«E no caso que a França venha a commetter hostilidades contra Portugal, ou declarar-lhe guerra, de maneira que precise de *soccorros* da monarchia hespanhola, *estes obrarão igualmente á disposição de sua magestade fidelissima*, e além d'isto se obrigam suas ditas magestades a fazer causa commum na dita guerra, etc.»

Pois esta redacção foi recusada por parte do governo hespanhol e os subservientes ministros da senhora D. Maria I acceitaram a seguinte modificação: *E no caso de que a França declare igualmente uma guerra aggressiva a sua magestade fidelissima, se obrigam suas ditas magestades a fazer causa commum na dita guerra.*

Apesar de tudo, o exercito portuguez, na força de 5.000 homens, commandados por João Forbes, desembarcava no porto de Rosas, na Catalunha, em 11 de novembro de 1793.

Estava pois confirmado o nosso auxilio á Hespanha cuja alliança se inaugurára por uma traição no tratado havido comnosco. E traição havia, visto que nos não garantia cousa alguma em troca do nosso sacrificio de vidas, dinheiro e consideração nacional.

D'este exercito fazia parte Gomes Freire de Andrade como coronel commandante da brigada de granadeiros.

O regimento Freire de Andrade, que antes se chamava *do marquez das Minas* e depois 4 de infanteria, era commandado pelo tenente-coronel Nicolau Joaquim de Caria, na força de setecentos e noventa e oito homens.

O animo de Gomes Freire bastante magoado pelo modo como corriam os negocios diplomaticos, não estava pouco excitado pela subserviencia do governo portuguez. Ainda crente no valor militar dos nossos generaes, e, suppondo que os ministros de D. Maria I tivessem escolhido os mais intelligentes e mais patriotas para tão perigosa missão, confiava, pelo arreganho do ministro de Carlos IV, o duque de Alcudia, no ardor das tropas hespanholas.

Veremos a cruel desillusão que estava reservada ao brilhante *sabreur* de Otchakov.

N'esta expedição iam alguns estrangeiros no estado maior: o duque de Northumberland, general e par de Inglaterra, o principe de Luxemburgo Montmorency, o conde de Chalons e o conde de Liautau.

Pouco tempo depois de chegar ao porto de Rosas, partiu a divisão portugueza para Ceret occupando o regimento Freire de Andrade com o de Cascaes a povoação de Rebós na sua linha de batalha. Fóra o caminho de Rosas a Ceret feito sob um violento temporal. Os nossos ali chegaram bastante fatigados do accelerado da marcha e completamente encharcados.

Mal lhe chegara aos ouvidos a desejada voz de — *Alto!* — quando tiveram de correr logo ás trincheiras da ponte de Ceret, para salvarem o exercito hespanhol, que já estava a ponto de capitular.

O debute do regimento de Freire d'Andrade foi brilhantissimo, carregando os francezes briosamente.

A 26 de novembro de 1793 da-se a batalha de Ceret, em que o general hespanhol conde de la Union diz, na sua ordem do dia seguinte:

«... Não esqueço a Gomes Freire de Andrade, que fazia de brigadeiro de dia no da batalha, coronel do regimento do seu nome, pelo bem que se comportou, subindo promptamente e com denodo ao reducto atacado...»

Pouco depois terminava a campanha do anno 1763 que, salvo alguns pequenos revezes foi bastante gloriosa para nós, porque terminou com o exercito alliado todo em França.

Em Arlés (França) acampou em quarteis de inverno, o regimento Freire de Andrade e o de Cascaes, que constituiam a 2.ª brigada, commandada por Gomes Freire.

Apesar das victorias do exercito hispano-portuguez sobre os republicanos, a guerra de Roussillon ia tornar-se n'uma verdadeira armadilha. Os hespanhoes tinham mais de 18.000 doentes nos hospitaes, e os portuguezes tinham mais de 1.000 homens fóra de combate.

Os francezes estavam constantemente recebendo reforços. Um deputado na Convenção Nacional pedio 100.000 soldados da Republica para a fronteira; e pouco menos teriam os generaes francezes ao encetarem a campanha de 1794-1795.

O exercito hispano-portuguez, distanciando muito as suas divisões, não teria na longa linha do Mediterraneo ao Atlantico 40.000 soldados válidos.

Assim, não era para estranhar a desconfiança, ao vêr-se que de Madrid não se pensava em mandar um unico soldado para a fronteira. E tanto o não era que os inglezes tendo a futura campanha como uma *ratoeira* mandaram retirar para a Grã-Bretanha o seu tenente general, o duque de Northumberland. E atraz do fidalgo inglez não tardaram a seguil-o, no abandono d'aquelle condemnado exercito os nobres, emigrados francezes, conde de Liautaud e o principe de Luxemburgo Montmorency e alguns fidalgos portuguezes, como o marquez de Niza e os condes de Tarouca e do Assumar; tudo retirou muito a tempo para Lisboa, que é porto seguro. O exercito lá ficava para refens dos que o abandonavam!

Pouco tempo depois Gomes Freire, ao saber que o exercito não recebia os reforços indispensaveis podia sem ter pensado que o honesto D. Carlos IV cuidava, assim como o seu confidente duque de Alcudia, não lhes convir uma conflagração contra a França, porque o *desmembramento* d'esta potencia decerto enfraqueceria o poder do futuro monarcha, que podia, muito bem, ser um principe da real familia dos Bourbons de Hespanha.

A Inglaterra, ferida pela attitude dos hespanhoes em Toulon, affastava-se visivelmente do seu alliado. Mas Portugal ficava. Sem forças, sem dinheiro, sem auctoridade... mas ficava. Pagaram-lhe bem.

Gomes Freire começou a inculpar alguns officiaes de se dobrarem demasiado á arrogancia proverbial dos hespanhoes de Alcudia, e não duvidava citar o proprio general em chefe, João Forbes Sekellater, como exemplo de excessiva brandura e maleabilidade.

Começou a campanha de 1794. Ia abrir-se essa terrivel *ratoeira* onde cahiria primeiro a habilidade de diplomatica dos nossos ministros, depois o nosso dinheiro, e por fim a independencia e a dignidade nacional.

(Continúa.) *Manoel Barradas.*

AS NOSSAS GRAVURAS

S. A. O DUQUE DE MONTPENSIER

O lucto entrou mais uma vez no palacio dos nossos reis, em consequencia da morte de sua alteza o duque de Montpensier, avô materno da rainha D. Maria Amelia.

No curto espaço de cinco mezes o lucto não tem cessado na familia real, principiando pela morte do infante D. Augusto, a que seguiu El-Rei D. Luiz, depois a imperatriz do Brazil, a de Allemanha, o duque de Aosta e agora o duque de Montpensier.

O principe Antonio Maria Filippe Luiz de Orleans, duque de Montpensier, era o quinto filho de Luiz Filippe I rei de França, e da rainha Amelia, nasceu em Neuilly, proximo de Paris, a 31 de Julho de 1824.

Foi educado no collegio de Henrique IV, em Paris, e sentou praça de tenente no terceiro regimento de artilheria franceza.

Marchou para a guerra da Argelia e fez parte da expedição contra Biskara, em 1844.

Entrou na campanha de Zibau onde se distinguiu valorosamente pelo que assumiu o posto de chefe de esquadrão. Finda esta campanha voltou a França e pouco depois tornou a Argelia a combater contra os kabilas revoltosos, emprehendendo em seguida uma demorada viagem ao Oriente.

Foi em 1845 que alcançou o posto de general de brigada e chefe do parque de artilheria de Vincenes.

Em 1846 casou em Hespanha com a princeza D. Maria Luiza Fernanda irmã da rainha de Hespanha D. Isabel, fixando então a sua residencia em Paris até que a revolução de fevereiro, que derribou o throno de Luiz Filippe, fez com que se retirasse para Hespanha estabelecendo-se em Sevilha.

O duque de Montpensier que recebeu o grau de cavalleiro do Tosão de Ouro, por occasião do seu casamento, foi successivamente agraciado pelo governo hespanhol com honrarias que bem mostram o alto apreço em que era tido na côrte de Hespanha, sendo-lhe concedido o posto honorario de capitão general do exercito hespanhol, e em 1859 a dignidade de infante de Hespanha, honra que foi egualmente conferida a seus filhos.

Do seu matrimonio nasceram sete filhos dos quaes só vivem dois; sua alteza D. Maria Isabel Francisca de Assis, que nasceu em 21 de setembro de 1848 e que casou com o sr. conde de Paris, e sua alteza D. Antonio Maria, que nasceu a 23 de fevereiro de 1866.

Entre os filhos fallecidos conta-se a rainha D. Maria das Mercês, primeira esposa do rei D. Affonso XII de Hespanha.

O duque de Montpensier foi um bravo militar, que passou parte da sua mocidade nos campos de batalha. A sua influencia politica chegou a ter grande importancia em Hespanha, principalmente por occasião dos successos que determinaram a queda da rainha Isabel.

Entretanto nunca se serviu da sua influencia para perturbar a paz da Hespanha, antes foi sempre o primeiro a submetter-se ao governo constituido, e quando os hespanhoes resolveram elevar ao throno a D. Affonso XII, Montpensier foi dos que mais influiu para consolidar o governo de seu sobrinho.

Na Hespanha foi muito sentida a sua morte, porque era geralmente estimado e respeitada a insensação do seu caracter.

Eis em breves traços algumas notas biographicas do illustre avô da rainha D. Maria Amelia.

A FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE

A industria do vidro, em Portugal, foi introduzida no seculo XV, com a fundação de uma pequena fabrica na freguezia de S. Pedro de Villa-Chã, concelho de Oliveira de Azemeis, denominada fabrica do Côvo, pelos annos de 1484.

Foi esta fabrica protegida por el-rei D. João II, que lhe deu uma provisão garantindo que não se podesse estabelecer outra fabrica, sem consentimento do dono da primeira, um tal Diogo Fernandes ao que parece.

Apesar d'este previlegio, em 1498 estabeleceu-se outra pequena fabrica de vidros em Coina, não se sabe se com consentimento do proprietario da fabrica do Côvo. Esta nova fabrica que a principio pouca producção teve, foi desenvolvendo-se com o andar dos tempos, de modo que em 1580 os seus productos faziam grande concorrencia á fabrica do Côvo, o que obrigou esta a fazer-se valer dos seus antigos previlegios perante D. Affonso V.

Ordenou então o rei que os productos da fabrica de Coina só podessem ser vendidos desde a margem do Mondego até ao Guadiana, e os da fabrica do Côvo desde o rio Minho até ao Mondego, ficando a qualquer das duas fabricas o livre direito de exportarem os seus productos para o estrangeiro.

Se compararmos a restricção d'estas leis com a liberdade de industria e de commercio de hoje, comprehende-se bem que quatro seculos nos distanceiam d'aquella época.

A fabrica de Coina, porém, fechou por lhe faltar nas proximidades a lenha e mais combustivel de que carecia, e foi estabelecer-se na Marinha Grande, onde a proximidade do pinhal de Leiria, lhe garantia o combustivel necessario para o seu fabrico.

Vê-se por isto que a fabrica de vidros da Marinha Grande já existia quando em 1769 Guilherme Stephens ali se foi estabelecer sob a protecção do marquez de Pombal.

Guilherme Stephens foi um inglez que veio para Portugal por meados do seculo XVIII, tentar fortuna, principiando por fabricar cal em uns fornos de Alcantara, cozendo a pedra com carvão de pedra vindo de Inglaterra e de que o governo portuguez isentava de direitos por concessão feita ao dito Stephens.

Isto prova a protecção que em Portugal sempre se tem dado aos estrangeiros e muito especialmente aos inglezes, a quem é mais facil obter quaesquer privilegios e isenções que aos naturaes.

Procurando o marquez de Pombal dar todo o desenvolvimento á industria no paiz, com muito mais conhecimento do seu valor do que hoje parecem ter os governos em Portugal, não teve duvida em conceder a Guilherme Stephens privilegios e subsidios para desenvolver a industria do vidro no paiz, e assim adquiri este industrial a fabrica de vidros que existia na Marinha Grande, para o que o governo portuguez lhe emprestou 32:000$000 réis sem juro a praso ilimitado e para serem pagos com a cal dos fornos de Alcantara precisa para as obras publicas, conforme o dito Stephens podesse.

Concedeu-lhe mais a importação, livre de direitos, do carvão mineral de que precisasse para a mesma fabrica, assim como a permissão de gastar livremente do pinhal de Leiria toda a lenha de que carecesse para o fabrico.

Todas estas concessões foram dadas por espaço de 15 annos e depois prorogadas e augmentadas com a protecção do Estado por provisão em que se declarava que *a fabrica estava sob a immediata protecção do rei como util ao bem publico e ao dos pinhaes.*

Em 1802 ainda foram prorogados os privilegios de que gosava a fabrica e augmentados com a isensão do serviço militar a todos os operarios e mais empregados da mesma.

Stephens soube aproveitar bem todas as regalias, porque deu á fabrica grande desenvolvimento na sua producção e perfeição nas manufacturas.

De uma pequena fabrica que era transformou-a n'um grande estabelecimento industrial, onde chegou a empregar cerca de 700 operarios. Alargou zem as differentes operações do fabrico, mas facilmente se comprehende a vastidão d'essas dependencias sabendo-se o quanto a industria do vidro é trabalhosa para chegar a apresentar os seus productos perfeitos, e calculando-se pela grande area que a fabrica occupa.

Pela invasão franceza soffreu esta fabrica bastante. Sob o governo de Junot foram-lhe caçados todos os privilegios, e sequestrado todo o edificio com seus pertences, sendo preso o dono Guilherme Stephens.

Logo, porém, que Portugal ficou livre do jugo estrangeiro, a fabrica da Marinha Grande readquirio os seus antigos privilegios e o seu dono ficou em liberdade.

Por morte de Guilherme Stephens passou a propriedade da fabrica a seu irmão João Diogo Stephens com a condição de por morte d'este a passar para o poder do Estado.

Assim foi: João Diogo Stephens morreu em 1826 deixando declarado na doação que fez ao

S. A. O DUQUE DE MONTPENSIER

FALLECIDO EM 4 DE FEVEREIRO DE 1890

e fez novas edificações, incluindo um bello palacio para sua residencia.

A fabrica com todas as suas dependencias occupa uma area não inferior por leste a 553,m75, pelo sul 453m, por oeste 652,m50 e ao norte 301,m55 o que lhe dá a forma de um trapezio todo murado.

A melhor parte do edificio é o palacio de habitação, em que reside tambem o administrador e são os escriptorios. Junto a este edificio ha um theatro com diversas salas para concertos e bailes. Temos depois as officinas de vidraça com os seus competentes fornos. Na officina de estender a vidraça ha cinco fornos isolados uns dos outros. Esta officina tem mais dependencias, que são a casa onde se seccam os cadinhos, outra para secca e calcinação das materias primas com caldeiras de ferro para a refinação do salitre e casa com forno refractario para cozer tijolo.

A officina do crystal é construida sob grandes arcadas, tem dois fornos e duas pequenas *arcas* para cozer os cadinhos e tres isoladas para temperar o vidro fabricado. A esta officina junta-se a officina de lapidar, trabalho maravilhoso que surprehende quantos o observam.

O espaço não nos permitte inumerarmos as muitas dependencias d'esta fabrica, em que se fa-

Estado que: *como um monumento do meu alto apreço pelos favores e protecção que n'este paiz me tem sido concedidos, etc.*

Hoje a fabrica da Marinha grande é propriedade do Estado que a tem trazido arrendada a varias emprezas particulares.

Os productos d'esta fabrica são bem conhecidos no paiz, embora poucos saibam a importancia do seu fabrico e conheçam o grande centro em que se produzem.

Quem fôr a Leiria, o que hoje é facil, aconselhamos a que não deixe de visitar este grande estabelecimento industrial, não só pela belleza do sitio em que elle se encontra, mas tambem pelas muitas surprezas que vae encontrar na fabricação d'esses mil objectos de vidro que para ahi vêmos expostos á venda e de que muitos não tem a mais ligeira noção de como aquillo se faz.

A NOVA BANDEIRA DA REPUBLICA DOS ESTADOS-UNIDOS DO BRAZIL

Publicamos hoje o desenho da nova bandeira dos Estados-Unidos do Brazil, decretada pelo governo provisorio da republica.

A bandeira de forma rectangular é de côr verde tendo ao centro um rombo amarello contendo uma esphera azul atravessada por uma faxa branca sobre que se lêem as palavras *Ordem e Progresso* e uma constelação de estrellas representando os estados do Brazil resaltando em branco sobre o fundo azul da esphera.

Pelo que se vê foram conservadas as côres da antiga bandeira do imperio assim como a sua fórma geral, tendo apenas a alteração da esphera em logar do escudo com a corôa imperial.

Que o novo estandarte seja um symbolo de paz e prosperidades para o nosso irmão Brazil.

JULIO CESAR MACHADO

(Continuado do n.º 400)

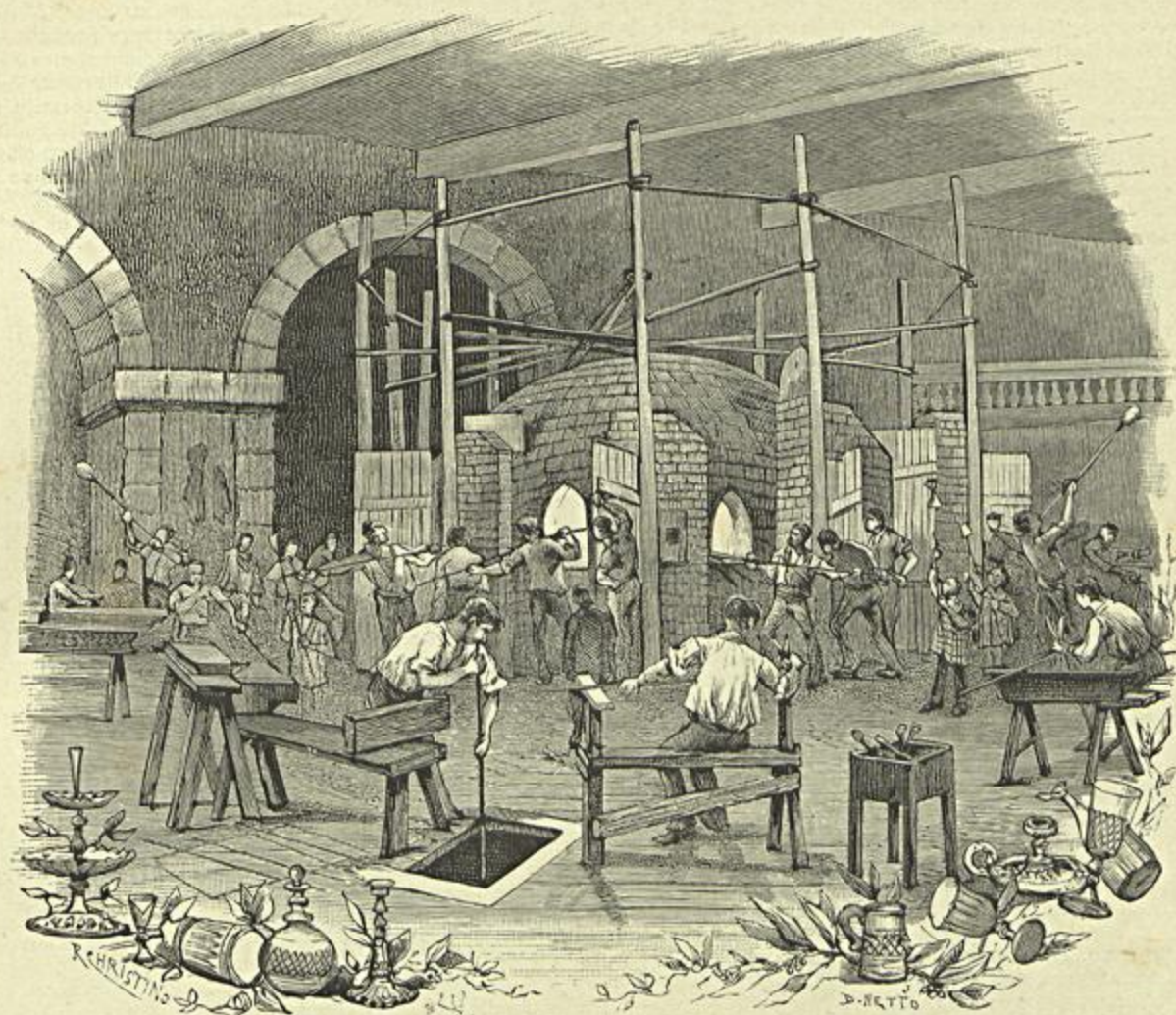
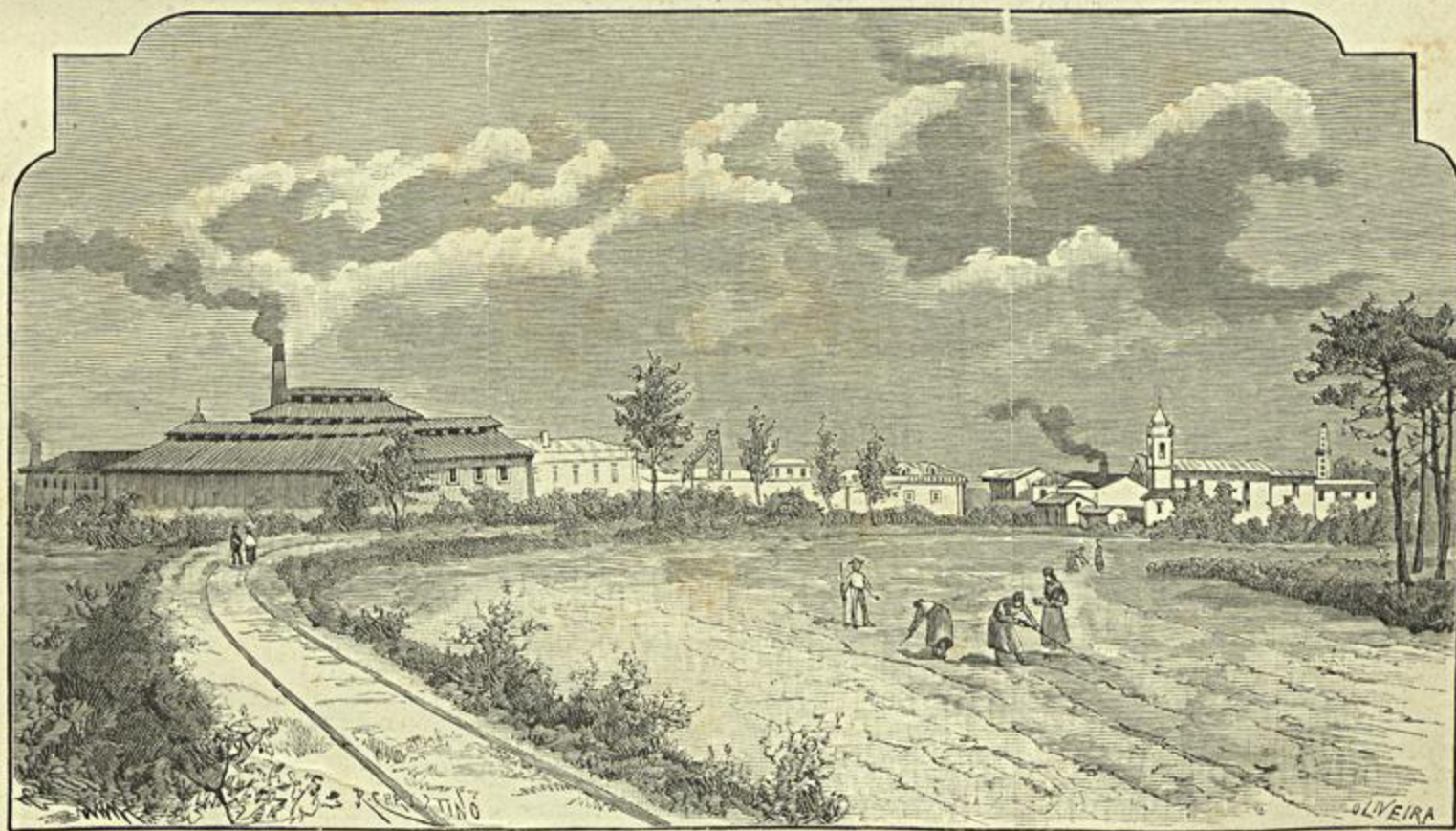
Durante muitos annos vivemos ambos n'uma grande intimidade de todos os dias.

Passavamos horas e horas n'aquelle gabinete de trabalho do 3.º andar da casa de Julio Machado no Salitre, á esquina da travessa do Moreira, n'aquelle gabinete que havia de ser um dia theatro da mais lugubre e sangrenta tragedia que n'estes ultimos tempos tem assombrado Lisboa—a conversar, a rir, a fallar de coisas litterarias.

Julio Machado era sobretudo um conversador excepcional, ninguem tinha como elle a sciencia e o encanto do *cavaco*, a historieta sempre interessante e ligeira, a anedocta engraçadissima, o dito espirituoso e cheio de conceito, que em duas palavras fazia o commentario, a critica d'um livro, d'uma peça, d'um acontecimento.

E a conversar com elle as horas corriam rapidas, voavam como voava o tempo aos namorados, áquelles namorados de quem a lenda recolheu as lamentações doloridas da rapidez com que passavam os dias de maio, os maiores dias do anno:—Dias de maio, dias d'amargura, ainda bem não amanhece e já é noite escura.

A mim aconteceu-me muitas vezes fazer esta mesma reflexão nas longas tardes de verão, que desappareciam como que por encanto, a conversar com o Julio ou sentados á janella da sua casa, ou a passeiarmos no Passeio Publico de que elle era constante *habitué*.

INDUSTRIA PORTUGUEZA

FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE — Vista interior de uma officina

FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE — Vista exterior

(Desenhos do natural por J. R. Christino)

E n'essas horas de cavaco Julio Machado contava-me historias, ora alegres ora tristes, da sua mocidade, coisas interessantissimas da sua vida e da vida dos homens do seu tempo, lia-me os folhetins que escrevia, e como elle lia esses folhetins deliciosos, com que originalissima sciencia de leitor elle fazia valer com uma reflexão, com uma pausa, com um olhar, a mais pequena phrase, a mais subtil intenção, que muitas vezes passava desapercebida na escripta!

Julio Machado teve um grande successo, um glorioso nome, como folhetinista, mas o successo dos seus primorosos escriptos seria mil vezes maior ainda, se Julio tivesse feito leituras publicas d'elles.

Mas não queria isso de fórma alguma. Muito nervoso tinha um horror profundo a fallar em publico e por isso elle que fallava tão bem, que tinha uma eloquencia tão scintillante, tão original na conversação intima, nem sequer n'um jantar d'amigos era capaz de fazer um brinde.

Quando no *Correio da Manhã* se organisou uma *matinée* litteraria e artistica em favor das victimas dos Terramotos de Andaluzia, *matinée* que tão grande successo teve—eu pensei dar a essa festa uma nota nova e deliciosa e fui ter com Julio Machado e pedi-lhe que tomasse parte n'ella lendo um dos seus folhetins.

Julio Machado ficou muito surprehendido com o meu convite, contou-me muitas anedoctas a esse respeito, fez-me rir muito com os casos engraçadissimos em que embrulhou a sua recusa, mas recusou-se terminantemente, ferozmente, e nem á mão de Deus Padre, fui capaz de conseguir que elle accedesse ao meu pedido.

*
* *

Julio Machado teve sempre desde que entrou no mundo litterario, aos 17 annos, com o seu *Claudio*—que teve um grande *successo*,—uma preoccupação unica: ter um estylo seu, uma maneira de dizer especial, que o distinguisse de todos os outros escriptores, ter uma individualidade propria, ser alguem.

E conseguiu-o brilhantemente. Essa individualidade resalta de todos os seus livros, de todos os seus folhetins, de todos os seus artigos mesmo os mais pequenos, e bastava ler duas linhas da sua prosa para logo na sua fórma muito litteraria, muito original, muito caracteristica se advinhar a sua assignatura gloriosa.

Julio Machado era uma individualidade na litteratura, e era mesmo uma individualidade na vida social.

Do mesmo modo que os seus escriptos se distinguiam de todos os outros escriptos, o seu typo original e elegante, extremamente sympathico, distinguia-se de toda a outra gente.

No meio da maior multidão, a figura de Julio Machado distinguia-se salientemente: via-se logo na sua cara, no seu penteado, na sua maneira de vestir, nos seus modos, que estava ali uma individualidade caracteristica, que aquelle homem era alguem.

E essa sua distincção era tanto mais notavel, quanto era perfeitamente natural, absolutamente despida de *pose*, porque Julio Machado era tudo o que havia de menos *poseur*, e detestava profundamente todos os *empavezados*, todos os *postiços*, todos os *espectaculosos*.

No tempo em que nós principiámos a conhecel-o, a sua vida era dominada absolutamente por um unico affecto—o amor por sua mãe, uma santa velhinha que vivia na sua quinta da Derruivos.

Todas as vezes que podia fugir de Lisboa, Julio safava-se para a Derruivos e lá passava dias deliciosos ao lado da sua querida velha que elle adorava.

Um dia a morte arrancou-lhe esse idolo á sua adoração.

Julio teve um desgosto enorme que o abateu profundamente.

Durante semanas e semanas o alegre e jovial Julio Machado não parecia o mesmo.

Estava taciturno, cabisbaixo, mysanthropo, fugia de toda a gente, fugia de todos os seus amigos, só se queria com a sua dôr.

A providencia parece que se amerceou d'elle, e mandou-lhe um idolo novo—um filho!

Então Julio Cesar Machado como que resurgiu. Desde o dia em que esse filho lhe sorriu pela primeira vez, assenhoreou-se logo de toda a sua vida. Assenhoreou-se tanto d'ella, que a levou comsigo para o tumulo.

A sinistra tragedia que contámos largamente na nossa chronica de 21 de Janeiro ahi está a demonstral-o, e não insistiremos agora aqui n'esse tristissimo desenlace da vida gloriosa e honrada do grande e illustre escriptor, que foi sempre acima de tudo um homem de bem, que acima de tudo teve sempre uma religião sacratissima—a religião da Honra.

*
* *

Fallámos já do homem, falta-nos fallar do escriptor.

Que dizer de Julio Machado como litterato que toda a gente não saiba?

Os seus folhetins foram durante muitos annos lidos ávidamente, os seus livros, *A vida em Lisboa*, *Contos ao luar*, *Lisboa na rua*, *Vida alegre*, *Apontamentos d'um folhetinista*, *Lisboa de hontem*, *Claudio*, *A Lareira*, *Scenas da minha terra*, *Recordações de Paris e Londres*, *Da loucura e das manias em Portugal*, *Manhãs e noites*, *Os theatros de Lisboa*, *Quadros do campo e da cidade*, *Historias para gente moça*, *Em Hespanha*, *Passeios e Fantasias*, *Trechos de folhetim*, *Do Chiado a Veneza*, *Mil e uma historias*, andam por todas as mãos, toda a gente os tem lido, e elles dizem mais que todos os longos artigos criticos, as brilhantes e excepcionaes qualidades do talento delicadissimo e original do grande escriptor, que tão alto logar occupou nas lettras portuguezas contemporaneas.

Julio Cesar Machado abordou por vezes o theatro, mas ahi não foi tão feliz, como no livro e no folhetim, porque o seu talento notabilissimo não era de modo nenhum um talento theatral, não tinha a feição muito especial e particular que os successos theatraes requerem e exigem. Profundamente original em toda a sua vida, Julio Machado foi tambem sinistramente original na sua morte, e depois de durante toda a sua longa e triumphal carreira de escriptor ter alegrado Lisboa com os thesouros inexhauriveis do seu espirito scintillante, entristeceu-a profundamente, assombrou-a, fel-a chorar lagrimas sentidas, com a medonha e sanguinolenta tragedia que foi a sua morte.

Que o grande e illustre escriptor, que o honrado homem e o grande amigo tenha encontrado no tumulo a paz, a tranquillidade, o socego, que tão tragicamente ali foi procurar.

Gervasio Lobato

OS MEUS LIVROS

II

(Continuado do n.º 392)

O trabalho do dr. Francisco Ferraz de Macedo versa sobre *o encephalo humano com e sem commissura cinzenta*.

O auctor declara que na occasião da sua partida de Paris para a Suissa tivera uma conversação com o senhor Chudzinscki e os doutores Ch. Letourneau e L. Manouvrier, a proposito da frequente ausencia da *commissura cinzenta* constatada por elle, bem como as consequencias psychicas que d'ahi resultam, consequencias que ninguem até hoje ainda negou.

O sr. dr Manouvrier, sob pedido do auctor, communicou os resultados das pesquizas de Ferraz de Macedo á Sociedade d'Anthropologia de Paris na sessão de 6 de junho de 1889. Esta communicação provocou algumas objecções. Em seguida o dr. Ferraz de Macedo transcreve a parte da acta da mesma sessão em que se relata o modo, altamente lisongeiro para a sciencia e para o sr. dr. Ferraz de Macedo, como foi recebido o seu trabalho.

Este trabalho, pelos seus provaveis resultados, é de um altissimo valor para a sciencia do mundo investigador da verdade.

*
* *

Agora, Joaquim d'Araujo.

Temos á vista os n.os 1 e 2 dos *Annaes de Bibliographia Portugueza*, de que é director o academico Joaquim de Araujo.

Em o 1.º numero insere, este notabilissimo homem de lettras, a *Consolação ás tribulações de Israel*,—*composto por Samuel Usque, impresso em Ferrara, casa de Abrahão Aben Usque, 5313 da Criação a 7 de setembro*; = Nota sobre *Antonio Nunez Ribeiro Sanches* = *Uma carta de D. Pedro V* ao fallecido professor Antonio Jose Viale.

No n.º 2 —*Uma carta do marquez de Niza ácerca da batalha das linhas d'Elvas de 21 de janeiro de 1659*; = *Plano ou reforma do Ensino Medico Portugués*, no seculo XVIII, de Antonio Ribeiro Sanchez; e carta de Anthero de Quental (autobiographia) ao dr. Wilhelm Storck em 14 de maio de 1887; = *Les Noces d'Alexandre Farnése et de Marie de Portugal* (narração feita ao cardeal de Granelle por seu primo Germain Pierre Bordey).

Este importante trabalho, pois que outra cousa não é o colleccionamento de verdadeiras preciosidades historico-litterarias dos portuguezes, alcançou-o Joaquim de Araujo á custa de inumeras canceiras, pesquizas desconfortaveis em que o homem de lettras não raro encontra amargas desillusões em logar de lenitivo a labores que poucos avaliam na justa craveira.

Não me consta que os poderes publicos tenham incitado o util emprehendimento de Joaquim de Araujo com louvores, recompensa ou auxilio de qualquer especie. Vamos, desgraçadamente, atravessando uma época em que só se recompensam serviços pessoaes, ou homenagens a altas entidades.

*
* *

Das *Antiguidades monumentaes do reino do Algarve*, paleonthologia pelo erudito academico sr. Estacio da Veiga, temos em nosso poder trez volumes cujo trabalho podemos dividir pela seguinte forma:

— No primeiro volume encontra-se, além da carta paleoethnologica do reino do Algarve, pesquizas em *cavernas* e outros depositos que determinam o estudo definitivo do periodo neolithico.

— No segundo volume continuando a materia exposta no 1.º, apparecem os instrumentos neolithicos isolados, habitações terrestres subterraneas, vulgarmente chamadas *celleiros*, tulhas, silos ou *matmoras*; vem depois em confirmação da doutrina exposta as placas de schisto de Portugal e a gravura neolithica.

Em seguida, o sr. Estacio da Veiga, expõe uma serie de observações suscitadas pela ethnologia algarviense e termina este segundo volume com um admiravel trabalho sobre a *Fauna* esparsa d'aquelle reino.

No terceiro volume das *Antiguidades monumentaes do reino do Algarve*, o seu erudito auctor e digno socio da academia real das sciencias de Lisboa, trata da transição da ultima idade da pedra para a primeira idade dos metaes manufacturados. Depois segue-se um largo trato de trabalho de observação sobre a *Idadé do cobre*, *Idade do bronze*, *Primeira edade do ferro*; não esquecendo a vastissima região cuprifera de Portugal; uma interessantissima noticia sobre a necropole de Alcalá; a ultima palavra sobre a *idade do cobre* na Hespanha; e fecha o terceiro volume d'este, a todos os respeitos, notavel trabalho, uma verdadeira refutação das affirmativas da obra dos srs. Henrique Siret e Luiz Siret intitulada *Les prèmiers agés du metal dans le sud-est de l'Espagne*.

*
* *

Não termina n'este terceiro volume a obra patriotica e scientifica do nosso illustrado confrade, sr. Estacio da Veiga, mas é certo que pelo trabalho publicado, este notavel homem de lettras, tem feito honra a Portugal dotando-o com uma publicação que estimulará os estrangeiros que não possuam uma obra sob um tão sincero fundo de critica como assente em verdadeiras bases da mais moderna e indiscutivel sciencia paleoethnologica.

Manuel Barradas.

AS HARMONIAS DA LUZ

Havia tempo que eu estava em Napoles: uma cruel doença, de todas a mais sombria, porque nos vae minando a vida, ao passo que conservamos clara a consciencia do nosso estado, a ponto de nos vermos morrer, a tisica, me implantara sob o bello céo italiano, aspirando como uma suprema esperança as tepidas emanações d'aquella natureza fecunda. Ninguem sabe o martyrio infinito que acompanha esse lapso de tempo, fugaz como um relampago, que soffrem os que atravessam o mundo condemnados a uma morte prematura. Todas as ambições generosas, todos os sonhos dourados da adolescencia se amontoam no espirito da creatura que vê desvanecer-se-lhe a vida hora a hora, dia a dia. Tudo parece bello no mundo; os prazeres apresentam-se irresistiveis e crê-se que o amor, a amisade, os grandes sentimentos, são bastante fortes para dissipar as amarguras fortuitas da existencia...

E depois... tudo se inveja! Ha certa puerilidade em sentir dentro do coração um como desejo vago de arrancar os pulmões ao primeiro camponio robusto que cruza o caminho; os gosos alheios, o espectaculo da felicidade nos outros, em vez de arrastar a alma ao nivel celeste do quadro de tranquillidade que se contempla, amarguram-n'a, perturbam-n'a, despedaçam-n'a. D'isto procede a irascibilidade constante dos tisicos, a sua implacavel desconfiança. Mas a natureza é sempre e eternamente admiravel: o tisico só tem uma vida, um esteio, que é ar para os seus pulmões viciados, sangue para o seu coração exhausto, balsamo para o seu cerebro doente—a esperança! Como no coração de um homem que ama profundamente, todos os sentimentos vão enfraquecendo á medida que a paixão dominante se desenvolve, assim na alma do triste condemnado, todos os affectos da terra, todas as illusões da vida desapparecem ante esse gigante que tudo abarca e subjuga, a eterna, a carinhosa esperança...

Tres longos annos de lucta ella me sustentou, levando-me o corpo exhausto a todos os climas, procurando nas vigorosas refegas do mar, nas energicas brisas dos bosques ou nas ardentes auras dos tropicos, o remedio anhelado para fortificar a miseravel machina em que se encerrava a minha alma. Sob a sua influencia, uma credulidade infantil determinava as minhas resoluções; uma palavra ouvida ao acaso na conversação confusa de uma mesa redonda, o conselho indifferente de um companheiro de viagem ou a leitura accidental de um romance, qualquer incidente insignificante para outro, tomava no meu espirito as proporções de uma prophecia e impellia-me irresistivelmente a obedecer á inspiração que nascia da sua influencia. Conta Dumas nas suas memorias, que quando publicava no folhetim de um jornal de Paris esse sombrio e admiravel estudo que se chama *Amaury*, recebeu a visita de um homem já velho, em cuja physionomia transpareciam os signaes de um soffrimento intimo. O ancião tinha uma filha de dezeseis annos, tisica, que a sciencia condemnara a uma morte proxima. A pobre creança seguia anhelante a narração de Dumas, porque via alli admiravelmente reflectido o seu proprio mal. O pae perguntou a Dumas que sorte preparava ao doente do seu romance; o nobre escriptor foi leal e confessou que no fundo do seu espirito estava decretada a morte de Amaury. Ante a desolação d'aquelle velho que comprehendia facilmente que o desenlace do romance seria um golpe mortal para sua filha, Dumas suspendeu immediatamente a publicação diaria de Amaury, deu uma razão trivial ao publico e enviou á pobre creança um manuscripto contendo o final do seu romance, arranjado de modo conveniente para levantar o espirito da enferma, por uma solução feliz.

Quando a pobre menina desceu ao tumulo, Dumas acabou o seu Amaury e atirou á voracidade de um publico indifferente esse livro escripto sem duvida para mostrar que a penna que creara as grandes figuras das epopéas historicas, sabia analysar os sentimentos intimos do coração humano.

Comprehendia a impressão d'aquella menina e a desolação do pae, testemunha desesperada da lenta queda da pobre condemnada e no fundo da minha alma agradecia a Dumas o seu nobre proceder.

A *Germaine* de About, em que essa meiga creatura recupera a vida sob a influencia vivificante do benigno clima das ilhas jonicas, levou-me a Corfu, onde passei o inverno. Por fim, depois de vagar como um condemnado que procura, por ultima graça, o sitio onde deve abandonar a vida, estabeleci-me em Napoles, obedecendo aos conselhos do meu medico, homem generoso que se me affeiçoára devéras, e que luctava incessantemente por me amarrar á vida.

Napoles não é precisamente o ponto mais aconselhado para os doentes do pulmão; o clima é quente e a exuberante vitalidade de uma vegetação admiravel impregna o ar a ponto de o tornar irresistivel para os tisicos. Foram especialmente estas causas que determinaram tal ponto como minha morada definitiva. Fizeram-me a este respeito uma longa dissertação da qual só pude concluir que onde o commum dos mortaes da minha especie morria, devia eu viver. Qualquer ponto na superficie da terra me era indifferente: disséram-me Napoles, e em Napoles fui residir.

II

Não entra no meu proposito fazer extensas descripções da soberbo natureza de Napoles, nem tão pouco estudar os costumes especiaes do povo que vegeta nas faldas do Vesuvio, como dominado por certo fatalismo inconsciente que determina a infatigavel indolencia do seu caracter. Quem tiver lido a *Graziella* de Lamartine, sabe já que é possivel poetizar o menos poetico que ha na terra, o populacho napolitano; quem tiver passado algumas horas deliciosas com o admiravel quadro de costumes de Marc Monnier, *Donna Grazia*, conhece tambem até onde é possivel explorar os typos especiaes d'aquella sociedade original.

Passava eu a vida occupado em conserval-a; seguia estrictamente as prescripções do medico, fazia exercicio, levantava-me cedo, ia pouco ao theatro, porque a musica produzia effeito violento na minha sensibilidade prodigiosamente sobreexcitada, abstinha-me de tomar parte em discussões acaloradas e lia só aquelles livros que perfumam o espirito de certa essencia rosada, que se parece tanto com a esperança que é facil confundil-a com ella.

Depois de jantar e quando o sol já se havia occultado atraz dos montes, illuminando ainda os céos e o mar, emquanto a cidade repousava na suavidade das sombras, pegava no chapéo e no meu livro e dirigia-me ás costas do golfo, alli onde se extendem a Torre del Greco e a Merghellina. Muitas tardes voltava sem ter adeantado na leitura uma linha; confundido n'um grupo de pescadores, applaudia e ria como elles ante as ridiculas respostas e sahidas licenciosas de um *improvisatore* que sentado n'uma pedra arranhava deploravelmente a sua viola, com grande gaudio dos circumstantes. Os improvisadores napolitanos da lenda, taes como se entendem geralmente, nunca existiram. Tenho ouvido muitos, e a não ser que o espirito dos filhos da antiga Campania degenerasse tanto, que os improvisadores de agora sejam simples imitações dos velhos, o facto é que não tenho encontrado nenhum Ovidio, se acaso é certo isso de *quod loquabat, versus erat*. N'um rhythmo monotono, vão desenrolando as idéas que a paizagem, a associação, os circumstantes, a ultima façanha de Polichinello, uma ave que passa, um cão que ladra, uma mulher que pega no filho, qualquer incidente ou reminiscencia, emfim, lhe originam no espirito caloroso. Os que teem ouvido os nossos *bardos* da cidade e do campo, parar repentinamente no meio de uma decima ou de uma quadra para dirigir uma graça ou um cumprimento ao recem-chegado, sem perder o tom e obrigando o verso improvisado a dobrar-se ás exigencias do rhythmo, podem facilmente fazer idéa do que é a maneira do *improvisatore* napolitano.

Outras vezes seguia com interesse o deslizar de um barco de pescadores que se acercava silencioso da praia, cortando as aguas com a elegancia de uma ave marinha. A tarde tem a faculdade poderosa de subjugar o espirito e a materia até leval-os ao seu nivel intimo. As arvores recolhem-se, as aguas tranquillizam se, as aves calam-se, o ar repousa, a atmosphera serena, e no fundo da alma adormecem as paixões que vibraram de dia, levantando-se suavemente uma nuvem magica que vem cheia de recordações, tristes mas não amargas. Nos nossos campos, nada comparavel ao anoitecer; mesmo no seio da familia, a influencia irresistivel da natureza se faz sentir e quando as primeiras estrellas começam de salpicar o firmamento, tudo se cala, tudo adormece, desde o cordeirinho que se acolhe á mãe até o homem que se arranca á realidade para viver só na sua memoria...

Uma d'essas tardes vi chegar á praia uma pequena embarcação das que andam na carreira de Sorrento e suas immediações; quando parou junto do embarcadouro, que era a mesma praia, onde o botezinho encalhou, vi descer um homem, de cincoenta e tantos annos de edade, de bondosa e triste physionomia, o qual, com exquisita sollicitude quasi levantava em peso uma menina, que parecia ter dezeseis annos, para a depositar suavemente na areia. Um leve movimento do bote fez perder o equilibrio ao ancião e o braço agitou-se-lhe, buscando instinctivamente um ponto de apoio: achando-me a dous passos, avancei e extendi-lhe a mão. Já em terra, agradeceu-me com palavras cortezes o meu opportuno auxilio, e a menina saudou-me com uma expressão que não poderia qualificar de sorriso, mas que, sem duvida, era um esforço n'esse sentido. Nada mais fugaz que a expressão passageira, instantanea, da physionomia, debaixo da influencia de um incidente qualquer; comtudo nunca, nunca esqueci, nem esquecerei a tristeza infinita, profunda, da cara d'aquella creatura...

Pagos os barqueiros, o individuo deu o braço á menina e começou a andar lentamente em direcção á cidade. Era o meu caminho; colloquei-me ao seu lado e perguntei-lhe se a minha companhia lhe era incommoda.

Elle mirou-me e com certa expressão vaga de contrariedade, voltou-se para mim e respondeu-me, de modo que a menina lhe não visse o rosto emquanto falava:

«Não senhor. Peço-lhe sómente tenha a bondade de não dirigir a palavra a minha pobre filha... não ouve, e soffre muito quando por casualidade se lhe dirigem. Depois a sua delicada saude faz-me temer qualquer contrariedade.

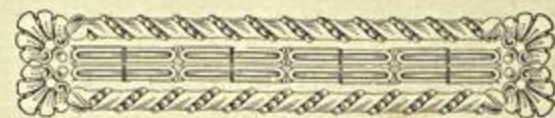
Olhei admirado para o ancião, na duvida se aquillo seria um pretexto para me afastar da menina ou se realmente me dissera a verdade. Além d'isso, ha certos defeitos physicos que não inspiram sympathia ou que pelo menos não revestem o caracter interessante de outros que, só ao seu aspecto, impõem á alma uma commiseração respeitosa e inexhaurivel. Nada mais profundamente triste que uma creança cega.

Mas a surdez, que habitualmente ataca as pessoas nos ultimos annos da vida, quando já lhes é facil buscar compensação ao commercio intellectual de que se veem privadas, no mundo das suas recordações, não produz a mesma impressão.

Entretanto, aquella creança inspirava um sentimento de profunda compaixão, ao mesmo tempo que despertava uma curiosidade ardente; delgada, com um corpo que seria admiravel se não estivesse tão magra, alta, de rosto enfraquecido, olhos grandes, rasgados, nadando n'uma expressão indefinivel, mixto de desdem e desespero, tudo n'ella impunha; era impossivel olhal-a com indifferença.

Inclinei-me ante a observação do desconhecido e continuámos o nosso caminho até as primeiras casas da cidade, cujas ruas começavam já a illuminar-se e a accordar do lethargo da tarde. Falámos um bom pedaço da vida napolitana, cahindo insensivelmente em assumptos mais pessoaes. Quando lhe disse a razão da minha permanencia ao pé do Vesuvio, quando soube que eu vivia sob o peso de uma sentença de morte, pareceu desvanecer-se a mascara de frieza que lhe cobria o rosto: olhou-me com attenção e empregando palavras de consolo, animou-me a persistir no meu empenho de me subtrahir a uma morte prematura. Desde então falou-me com intimidade, patenteando ao meu espirito maravilhado os thesouros de um altissimo pensamento, enriquecidos ainda por uma illustração excepcional. Chamava-se Andrea Tanarotti e havia só seis meses que vivia em Napoles, com sua filha Magdalena, que compunha toda a sua familia. Chegados á cidade, separamo-nos, não sem antes nos havermos promettido buscar as occasiões de tornar mais intimas as relações. Durante o curso da nossa conversação, não dirigira uma unica vez a palavra a Lena, como seu pae lhe chamava; mas a menina não tirava os olhos de nós, e ainda que não despregava os labios, a sua physionomia revelava que comprehendia o que diziamos. Quando me inclinei deante d'ella em signal de despedida, extendeu-me a mão e com voz fraca mas doce, disse-me:

«Repetir-lhe-hei as palavras com que meu pae me dá diariamente a benção ao accordar: valor e esperança!

(Continúa)

REVISTA POLITICA

Poucas novidades vos tenho a dar estimado leitor, pela simples razão de não haverem muitas, e as poucas que ha não são boas, que nem se devem esperar d'outras n'estes tempos difficeis que vão correndo para a politica portugueza.

As difficuldades accumulam-se quer com respeito a politica internacional com a Inglaterra, quer com respeito á politica interna.

Nos tempos modernos nunca se vio uma situação assim, que não ha optimistas possiveis, capazes de verem côr de rosa nas nuvens negras que pairam no céo da patria.

O desgraçado conflicto com a Inglaterra, veio mostrar ao paiz o abysmo que a sua politica d'estes ultimos trinta annos lhes abrio, e veio mostral-o com surpreza á maioria do paiz, que não a nós, que n'este mesmo logar, por mais de uma vez nos temos espraiado em considerações sobre a lamentavel marcha da politica portugueza, mais conducente a desmoralisar e enfraquecer a nação do que a levantal-a e fortifical-a na sua independencia e engrandecimento.

Não é d'hoje o erro, mas de muitos annos e d'es-

sa accumulação d'erros devia mais tarde ou mais cedo brotarem os fructos.

Foi o que aconteceu agora, como poderia ter acontecido antes, e quando a nação se viu de repente offendida sem encontrar meios de se desaffrontar de prompto, entrou n'uma febre de patriotismo, que nunca devera deixar de ter, procurando realisar em horas ou em dias, o que por tantos annos descurou, embevecida n'um falso bem estar que a politica dissolvente lhe proporcionava.

Queira Deus que esta febre que a alenta, não mais se extinga, porque n'isso está a salvação provavel, mas é tal o cynismo politico, que já para ahi se insinua que a febre vae diminuindo, e que não tardará que venha a indifferença, em que a patria será posta de parte para só prevalecer a politica facciosa e comesinha, commoda e egoista que tem produzido os bellos fructos que saboreamos.

No meio da excitação em que o paiz se acha é ardua missão o governar, coisa que ha muito tempo se não faz em Partugal, e justamente essa falta de governo de tantos annos, torna tanto mais difficil o poder-se agora governar.

Agora que as complicações surgem de todos os lados, agora que se estabelece uma lucta travada pelo povo contra a alliança com a Inglaterra, e o governo que entende não convir romper esssa alliança.

Assim se a missão de governar é n'esta conjectura, como em muitas outras, difficil, não quer dizer que seja uma desgraça, é antes uma gloria quando se encontra a alma da nação tão vigorosa e disposta a todos os sacrificios para a regeneração da patria.

Faça-se governo portuguez, livre de estrangeirismos, que tanto nos tem desnacionalisado e aniquilado ao ponto de nos fazerem descrer de nós mesmos. Faça-se o contrario do que se tem feito até aqui, attenda-se ao paiz em primeiro logar que a tudo, e que o ser portuguez não seja a peior recommendação para viver e prosperar na sociedade portuguoza.

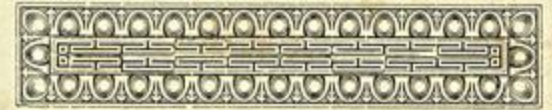
Serão estes os sentimentos que animam os poderes publicos?

Queremos crêr que o sejam, e que essas represSões com que se tem querido soffucar a alma popular, são a consequencia de uma falsa orientação no modo de encarar a situação do paiz, e nunca um anti-patriotismo de quem governa.

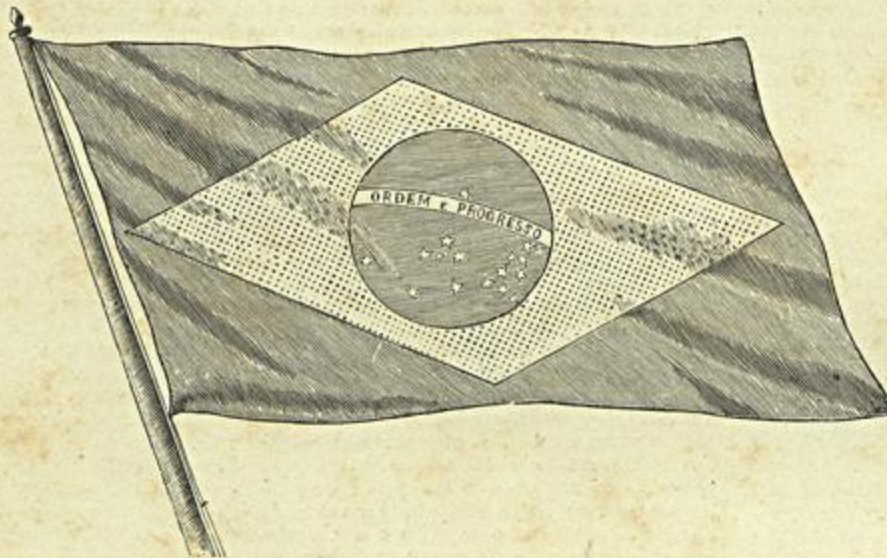
Repetimos, da Inglaterra não ha nada a esperar de bom para Portugal, e todas as attenções e transigencias que com ella tivermos não farão mais que augmentar as suas exigencias para com Portugal.

A ninguom é licito pensar o contrario, e a successão dos factos vae-o provando claramente.

nada organisado com respeito á defeza do paiz, tem naturalmente que se perguntar: o que tem feito os governos em Portugal?!

João Verdades.

RESENHA NOTICIOSA

O sarau do Real Gymnasio Club.—Foi uma festa a todos os respeitos brilhante a que o *Real Gymnasio Club* realisou em a noite de 27 do mez que acabou, no Colyseu, em beneficio da grande subscripção para a defeza nacional. Na presença de um auditorio composto do que ha de mais distincto na sociedade lisbonense, foram executados magnificos exercicios gymnasticos e de esgrima por alguns socios do *Real Gymnasio Club* e pelas creanças do Asylo Municipal e collegio Arriaga.

Estas creanças tiveram as honras da noite e despertaram o maior enthusiasmo com a perfeição com que desempenharam os seus exercicios Agradaram tambem muito os srs. Lupi e Almeida

A NOVA BANDEIRA DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL

Um illustre publicista dizia algures que n'este momento a maior desgraça que podia acontecer a um portuguez era ser ministro, e isto envolve uma grande verdade.

Entretanto se isto envolve uma grande verdade, essa verdade é relativa ao que se está vendo, porque em absoluto não se nos afigura assim, e senão vejamos.

O procedimento da Inglaterra veio naturalmente romper a alliança que existia entre aquella nação e Portugal.

Foi isto o que logo todos sentiram e manifestaram bem ruidosamente, todos, menos, ao que parece, os homens encarregados de dirigirem a nação, o que levou a crêr que se elles assim pensavam é porque tinham a esperança de que a Inglaterra reconsideraria sobre o seu torpe procedimento.

Hoje, porém, já não se pode alimentar essa esperança e portanto o rompimento é naturalmente imposto, sob pena da nação passar resignada e cobardemente por um grande aviltamento.

N'estas circumstancias não ha senão um unico meio de governar; é pôr de parte a Inglaterra e seguir um governo puramente patriotico, cuidando unicamente em defender a patria e em lhe promover todos os elementos d'essa defeza, o mesmo importa que levantar o paiz do abatimento a que a sua perneciosa politica o tem arrastado.

É isto que está bem firme no sentimento da nação, e pretender contrariar este sentimento, é affirmar uma degradação moral que nem de leve podemos suppor tenha invadido a politica portugueza.

Quando a ferida sangra ainda abundantemente, surgem novas exigencias, mais uma vez offensivas do nosso direito.

Volta a lume a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques, em que se pede uma indemnisação de um milhão de libras pela recisão do um contracto que não se chegou a cumprir.

A argucia deve ser conhecida dos poderes publicos, quando todos veem n'ella um pretexto para mais largas usurpações.

Quando aqui tratámos a questão do caminho de ferro de Lourenço Marques, dissemos que a Inglaterra havia de empregar todos os meios directos ou indirectos de se apossar d'esta nossa possessão; escusamos de reeditar hoje as considerações que fizemos.

Cada vez se vê mais claro n'esta questão, para que todas as illusões desappareçam.

Esta noticia com que vamos terminar esta revista não é com certeza agradavel, mas outras não temos que dar infelizmente.

A dictadura assumida pelo governo é já coisa conhecida, como é conhecido o decreto da defeza nacional, um decreto esboçado como outra coisa não permettia o tempo em que teve de se resolver assumpto de tanta importancia, mas era preciso corresponder á anciedade publica com alguma coisa e sahiu o decreto.

Crêmos que soffrerá muitas alterações na sua execução, alterações que o melhor estudo e a pratica aconselharão.

Depois d'este decreto, em que se vê não haver

dois mancebos de 15 e 16 annos que apresentaram exercicios de muita agilidade com perfeição irreprehensivel.

Nos exercicios de esgrima distinguiram-se pela sua mestria os srs. Antonio Martins, L. Martins e Gustavo Bordallo Pinheiro.

O producto bruto da recita elevou-se a réis 1:3000$000.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

A Portugueza, marcha por Alfredo Keil com letra de Henrique Lopes de Mendonça. Edição gratis, por um grupo de portuguezes. A musica d'esta marcha é uma composição inspirada em varios cantos portuguezes habilmente aproveitados pelo auctor da *D. Branca*. A poesia que acompanha é mais uma producção notavel de Lopes de Mendonça.

Aquelles de nossos assignantes que quizerem possuir *A Portugueza*, pódem requisital-a no nosso escriptorio, onde lhe será entregue gratuitamente.

Adolpho, Modesto & C.ª — IMPRESSORES